

FALA #1

GUERRERA



COLETIVO
ROSAS

MAR DA ALMA

Somos como o mar
Longas e profundas
Temos conosco alguns medos e obstáculos
Que nós impedem de mergulhar em nosso ser

Muitos conhecem apenas o meu melhor
A minha areia, firme.
Conhecem-me apenas superficialmente
No raso, e só enxergam minha alma limpa e cristalina
E meu profundo e íntimo vocês conhecem?
E se hoje, ao visitar-me, encontrarem apenas sangue
Ao invés de águas limpas, o que fariam?
Iriam vitimizar minha história apenas em fatos?
Ou falariam apenas da minha dor, sem se preocupar
Com meu sangue sendo derramado?
E esqueceriam da minha luta?
Lembrariam da minha causa, como gênero e sexualidade?
Lembraria das cicatrizes que levo em meu corpo e alma?
Lembraria da dor das minhas antepassadas?
Ou deixaria sem esforço algum, morrer minha história de luta?

Você cara visitante, amiga e acolhedora
Que hoje visitou, o sangramento da minha alma
Eu sou como mar em que há dias de águas
Limpas e cristalinas, e outros dias de sangue
E águas agitadas, meu mar está sempre revoltoso
Em luta, porque não posso abaixar a guarda.

Obrigada por visitar-me e saiba que há
Dias de sangue
Dias de água limpas
Dias de maré alta
Dias de visitas, como hoje
Dias de desertos
Dias de alegria
Dias de tristeza
Dias de construção
Dias de esvaziamento
Dias de encontros, como este
Onde me encontro com meu eu
Em que mergulho, em meu ser
Enxergo meus anseios e dores
Sinto meus ferimentos e busco
Formas de estacar meu sangue

As minhas dores e sangue são partilhadas
Com vocês, companheiras de luta
Nesta mar eu sou Rainha, você também!
Mergulhe
Mergulhe
Mergulhe
Com, ou sem medo
Em seu ser.

TAMO JUNTAS!

PINTURAS SÃO TRACOS
FEITOS COM AS CORES
E ENERGIA DA ALMA

FALA GUERREIRA!

Nós precisamos conversar sobre o Feminismo! E queremos conversar assim, de mulheres pra mulheres, pluralizando as vozes para nos fortalecermos juntas. Foi assim que nasceu a ideia e a intenção da **Revista Fala Guerreira**, que você tem em mãos agora.

Desde a encoxada no trem ao assédio do chefe, desde a dureza que é criar @ menin@ sozinha ao desprezo intelectual d@s colegas de classe, desde a solidão dos espaços em que temos que falar sozinhas ao olhar que nos enxerga expostas numa vitrine de açougue, por estas e outras, ser mulher é foda. E com certeza é também um privilégio, basta olhar o quanto temos feito e lutado por nós e pelos outros. Nós não podemos parar e é sobre isso que queremos falar com você!

Essa revista faz parte de muitos encontros que se entrelaçam e chegam até aqui. São encontros que se iniciam no ano de 2012, quando resolvemos nos organizar para pensar a questão da mulher da periferia e suas lutas sociais. Passamos por três anos em que tivemos encontros festivos, dolorosos, críticos, mas principalmente de rompimentos e construção.

Ao longo dessa caminhada, percebemos que ser mulher periférica e se revoltar com o machismo, ou seja, ser feminista, era diferente de um feminismo encabeçado por mulheres que não vivenciaram a nossa realidade. Essas mulheres, geralmente brancas, estudadas, intelectualizadas, e com uma boa conta bancária, não compartilhavam das mesmas batalhas que nós.

Não estamos desvalorizando a trajetória do movimento feminista como um todo, até porque, compreendemos que a luta feminista é composta por uma diversidade de mulheres. Entendemos que

todo processo de luta teve seu contexto para mudar nossas vidas.

Fala Guerreira! é fruto desse processo de revolta e nossa reivindicação para dar visibilidade à outra experiência feminista, o feminismo periférico. Partindo da vivência na nossa quebrada, Jd. Ibirapuera, unimos nossas caminhadas até aqui. Somos negras, brancas, indígenas, lésbicas, travestis, transexuais, pobres, filhas de nordestin@s, clandestinas, prostitutas, imigrantes, latino-americanas espalhadas nas periferias do mundo e das cidades.

A construção do nosso feminismo se dá reconhecendo a trajetória das nossas mães, tias, avós, irmãs e a nossa própria realidade. E nos distanciando das vozes e visões que teimam em nos classificar em conceitos branco-europeizados com medo, de nós “as outras” e tentando nos controlar.

Nas próximas páginas, você vai descobrir que o feminismo está presente em muitas coisas que você já faz porque essa luta é contra uma inferioridade que nos persegue há tempos. E que não vamos aceitar.

Desejamos que você se descubra e nos descubra a cada linha, a cada página virada. E queremos que esse papo flua bem, ecoe no seu corpo e você nos ajude a espalhar essa ideia pra todas as guerreiras da quebrada. **VAMOS?**



Índice

2	MICHELE MESQUITA	28	CRIS ROSENO
4	EDITORIAL	30	COLETTIVO DIVERSOU
6	ELZA OLIVEIRA	32	JAQUE CONCEIÇÃO
8	DANIELLE REGINA	34	JESSICA DARA
12	THAIS BUARQUE	40	VIOLENCIA DOMÉSTICA
18	FORMIGA	42	ESTAMOS DE OLHO
22	ALESSANDRA TAVARES	44	CONSELHO TUTELAR
26	BIANCA ZORZAM	46	JENYFFER NASCIMENTO

expediente

PROJETO FALA GUERREIRAI
MULHER E MÍDIA NA QUEBRADA

#1 ♀ outubro/2015

EQUIPE: Alessandra Tavares de Oliveira, Anabela Gonçalves, Arailda Carla Aguiar, Danielle Regina de Oliveira, Izabela Machado, Jenyffer Nascimento, Mariana Brito, Paula Franco, Silvana Martins Costa

REVISÃO: Dayse Oliveira

PROJETO GRÁFICO: Silvana Martins

AS PARÇAS: Carolina Teixeira, Dayse Oliveira, Thais Buarque

✉ falaguerreira@gmail.com facebook.com/falaguerreira

↳ **realização**



Já era dito,
existem três mulheres para cada homem,
e que seria natural
a rivalidade entre nós.

Esqueceram
que existia um tal padrão
status, cor, onde a negra
não teria voz.

Então, já era natural aceitar
a solidão
a omissão
a opressão.

E que um corpo negro é:
sexualizado, usado, marginalizado
e um branco...

Não

Então conheceu
um cara qualquer
e legal.

Pronto, estava em um relacionamento.

Só que ela não sabia
que esse amor
seria um tormento.

No começo tudo era tão azul
ele era tão pacífico
e charmoso
Dava até vontade
de ser artista
e desenhá-lo nu.

Artista
só da parte de escrita,
onde o que sentia
só no papel
era colocado.

As brigas começaram aí
queria provas de amor,
queria que o nosso caso
fosse público,
queria que fossemos
status.

NOTAS SOBRE O ABUSO DE UMA RELAÇÃO.

Chantagens, manipulações e
pedidos pós foda
foi o que tornou o que era saboroso
em insosso.

Queria mudar,
o cabelo
as vestes
as teses
o jeito de andar
o jeito de amar.

Era cobrança dele,
das amigas para o largá-lo
da família ao apoia-lo
dos filhos
do trabalho.

Não podia fazer nenhuma besteira
A dor era pequena
para tanta
despesa.

E um suspiro da verdade
deveria ser falado
Queria o amor dele
mesmo que fosse
migalhado.

E ele podia mudar, as outras
(que já não era ela)
podiam se casar.
As roupas trocaria,
assim
não iam brigar.

Tudo era feito
para o final feliz
do contos de fadas
chegar.

Não tinha mais
a quem recorrer
todos já tinham falado demais,
ajudado demais
e as histórias deles,
só continuava a crescer.

Tortura psicológica
e agressão verbal
Parecia que estava na guerra
e ele
era o general.

Os seus sentimentos
eram contraditórios
como podia ela, amar alguém
que a manipulava
de um jeito compulsório.

O medo de perdê-lo
era sobrenatural
faltava ar, as pernas tremiam
Quando quem não quer nada,
ele anunciava que era o final.

A agonia proliferava, e se dava pra ele
de mão beijada.
Num passe de mágica ele voltava,
e dizia palavras lindas
que a deliciava

Voltavam de novo então
e ela ironicamente
que pedia o perdão.

De joelhos o olhava
enquanto ele assistia o jornal
E nas reportagens via
Que não estava sozinha, afinal.

O mundo era cheio dela
delas
das negras
das mulheres.
Em relacionamentos abusivos.

Mas isso não ajudava
com isso pensava
então não era nem tão errado
não ser tratada por igual.

Promessas são cumpridas
e uma tragédia, assassinato aconteceu.
Mais uma morta
pelo o homem que escolheu.

A cena era pesada
estirada no chão, estrangulada
Dessa vez, ele usou a força
demais
Porém para cadeia, não foi.
Jamais.

Homem preso por bater em sua
mulher
é tão insignificante
tem tanta gente ruim pra prender
pivete, ladrão, traficante.

Não vamos usar nossa escassa
polícia
pra isso
Se fossemos dar ouvido pra
qualquer mulherzinha que vier
risos.
Já dizia o ditado, não se mete a
colher.

Sepultada pelos três filhos e
uma família que sussurrava
se tivesse escutado...
Taria salva.

Se fosse fácil assim
sair das teias de um
relacionamento abusivo
Eu não estaria escrevendo
essa história
E nem teria sofrido...

Afinal, entrei na história
não sou eu morta,
mas podia ser.
Mais uma mulher que jaz
só na memória.

Prefiro escrever
quando a dor é segredo
e humilhante.
Sabe onde recorrer...



TEXTO: DANIELLE REGINA

IMAGENS: SÍMBOLOS DA LUTA FEMINISTA

PARA AS GUERREIRAS DE TODAS AS QUEBRADAS

Cresci na periferia da zona sul de São Paulo, em particular no distrito do Jardim São Luis, e gosto muito desse lugar. Tenho 27 anos. Ao longo da vida, tive que me mudar do meu bairro algumas vezes, morei alguns anos no centro da cidade e posso dizer que nada se compara com a vida que tenho na minha quebrada. Eu prefiro aqui do que pra lá da ponte.

Mesmo tendo mais infraestrutura lá, não é a mesma coisa. Bom mesmo é se tivesse toda a infraestrutura aqui, pertinho de casa.

Também não foi fácil sobreviver no meu bairro. Nós, mulheres, sofremos muito por aqui, mas também sabemos que na batalha da nossa vida, a gente precisa ter coragem para viver e amar pra perdoar. Desde criança convivi com muitas mulheres fortes, ágeis, inteligen-

tes, amáveis, que no dia-a-dia tentavam amenizar o machismo que sofriam nas suas vidas. Comigo não foi diferente.

Mas não vou contar minha história para vocês. Quem sabe outro dia! O que eu quero mesmo é conversar com vocês. Acho que nós, mulheres da periferia, precisamos conversar mais. Sei que uma conversa pode ficar difícil, já que não vou estar aí do lado de vocês para dialogar, mas espero que com essas palavras escritas, cada uma de nós possa conversar com outras mulheres, que estão cansadas de se sentir oprimidas pela sociedade e, principalmente, pelos homens, que deveriam ser nossos companheiros e muitas vezes são o motivo de nossas lágrimas.

Primeiro, eu queria te dar os parabéns por ser essa GUERREIRA linda que você é!!! Sim, guerreira!!! Posso te chamar assim? Quantas batalhas na sua vida você não teve que vencer? Olhe pra você! Com tantos obstáculos ainda consegue dar esse sorriso lindo e, o mais importante, está viva e segue na luta!

A vida de uma guerreira não é nada fácil. Desde pequena a gente aprende a batalhar pelos nossos sonhos. Temos vários. Um deles é ser livre. Outro sonho importante é o de ser amada. Afinal, uma vida sem amor é sem sabor!

Na busca por esses dois sonhos, a gente enxerga que nem sempre quando a gente ama consegue ser livre. E um dos maiores conflitos da nossa vida começa: amar um homem ou uma mulher¹ e manter a nossa liberdade. Quem aqui já não quis desistir do casamento?

Vamos deixar um pouco essa conversa de amor de lado, porque éita coisa complicada de conversar, né?

Queria falar sobre feminismo com vocês. Eu sei que essa palavra é um pouco estranha e parece uma guerra contra os homens. Mas não é! Também não existe um só tipo de feminismo. Às vezes você é feminista e nem tá sabendo!!! Vou fazer algumas perguntas para pensarmos juntas nesse feminismo:

GUERREIRA,

■ você gostaria de ter uma vida mais tranquila, onde você possa dividir as tarefas domésticas com todos da família, inclusive com seu companheiro que não toca na pia da cozinha?

■ Você gostaria que sua filha não fosse abusada sexualmente por algum homem?

■ Você gostaria de poder se separar do seu marido quando ele te bate e não ter medo disso?

■ Você gostaria de andar tranquilamente na rua sem ouvir um “ei gostosa” de homens que tem idade pra ser seu pai ou de qualquer desconhecido?

¹ Muitas guerreiras amam mulheres. Mas este texto é direcionado para a mulher que se relaciona com homens, pois nas relações hétero, ou seja, entre homens e mulheres, há uma relação de opressão, em que o homem se sente superior e com mais privilégios que a mulher. Leia mais sobre homossexualidade na página 19 e 30.

- Você gostaria que o pai dos seus filhos pudesse trocar o mesmo tanto de fraldas que você?
- Você gostaria de não ser chamada de puta nem de vagabunda só porque sua roupa é curta ou porque você é livre sexualmente?
- Você gostaria de poder ter amigos homens e nem por isso significar que você “tá querendo” ou que você quer ficar com ele?
- Você gostaria de pensar mais em você e escolher o que realmente quer sem ter um homem dizendo o que você pode ou não?
- Você gostaria de ser mais cuidada pelo seu companheiro? Você gostaria de não ter que seguir tantas dietas e ser feliz com sua própria beleza?

Não precisa responder todas essas perguntas agora, mas pense sobre elas. Eu tenho pensado em todas essas perguntas e em outras durante muito tempo da minha vida, mas sempre sofria por questionar essas coisas. Não conseguia entender porque a mulher tem que fazer o trabalho doméstico, mesmo depois de chegar cansada do trabalho, e o homem não. Afinal, se os dois estão cansados, porque somos nós que somos responsáveis? E também não conseguia entender porque ainda os homens insistem em achar que somos propriedades deles e usam da violência para não deixar a gente seguir as nossas vidas. Afinal, ele não bate nos amigos homens quando estes não querem fazer algo que ele queira, ou bate?

Pensando nessas coisas, percebi que sou feminista! Mas também achava que o feminismo, do jeito que me falavam que era, estava distante da nossa realidade. Eu e mais outras amigas, que também se descobriram feministas, conversamos sobre isso e acha-

mos que nosso feminismo é um pouco diferente daquele que está escrito nos livros. Porque o nosso está nas ruas, faz-se cotidianamente e queremos escrever nossos próprios livros.

Ser feminista pra nós, mulheres da quebrada, é conseguir ter aquele papo reto, com toda coragem no peito, com o cabra que te bateu, é ainda conseguir andar de cabeça erguida mesmo sendo chamada de puta por todos da escola, é poder defender a nossa filha daquele homem nojento que tentou abusar dela, é ainda brigar muito pra poder estudar e trabalhar, é não achar certo que a patroa nos chame de preguiçosa ou que venha nos falar como temos que criar os nossos filhos, quando temos que cuidar dos dela. É também não acreditar que algum governo vai mudar a nossa vida, porque nós mesmas, durante anos, já mudamos a nossa própria vida. Não queremos um governo que nos governe, mas o governo da nossa própria vida.

É ainda não conseguir aceitar que outras minas, classe média, ricas e

SER FEMINISTA PRA NÓS, MULHERES DA QUEBRADA, É CONSEGUIR TER AQUELE PAPO RETO, COM TODA **CORAGEM** NO PEITO, COM O **CABRA QUE TE BATEU**

estudadas, em sua maioria universitárias, venham nos falar como temos que lutar pela nossa liberdade.

Li em muitos livros que o feminismo defende que “o pessoal é político”, que devemos politizar nossa vida privada, nossa vida dentro de casa. Mas vejo que, muitas das feministas que pensam essas coisas têm empregadas domésticas e querem encarcerar nossos homens. Ao invés de punir o homem agressor, queremos tentar tirar dele essa agressão, que faz principalmente nós, mulheres, sofrermos, mas que também destrói a vida de um homem. Já basta o encarceramento

* queria agradecer a companheira Paulinha Franco pelas contribuições no texto, é nôis meu bem!!

e as punições que nosso povo sofre, queremos outras mudanças. E as mudanças na nossa família não podem ter o fim na prisão, novamente.

Mesmo assim, a gente entende e defende a Lei Maria da Penha. Essa Lei possibilita que muitas mulheres, vítimas de violência doméstica, possam sair dessa condição e ter uma vida livre de agressões. Nesse momento, ainda, precisamos e devemos denunciar a violência que paralisa nossas vidas. Ainda há muitas guerreiras sendo assassinadas e agredidas, e os agressores devem sofrer as consequências antes de uma tragédia maior. Por isso, também dizemos basta para as violências que o machismo nos impõe diariamente. Estamos cansadas de tanta violência! E lutamos para o fim da violência contra a mulher!

A nossa luta feminista é a construção diária de que todos da nossa comunidade possam perceber que o machismo destrói nossas vidas, que o machismo sufoca a nossa existência enquanto mulheres.

Lutamos para que outras mulheres sejam poderosas e tomem o rumo de sua própria vida sem ter um homem tentando mata-la. Lutamos contra o racismo, contra a homofobia e contra qualquer tipo de intolerância. Lutamos com arte e muita poesia tentando destruir todas as regras preconceituosas para criarmos nossas próprias regras. E, principalmente, lutamos com coragem e amor para que o mundo possa conviver com a diversidade que a humanidade é. ■

FORÇA PRA NOIS!





NU

**THAIS
BUARQUE,
24 ANOS, DE
SÃO PAULO,
ZONA SUL**

Moro no bairro do Capão Redondo, estudo Ciências Biológicas e amo as diversas formas de manifestações artísticas, visuais e cênicas.

Fiz um curso de fotografia analógica básico. O que aprendi sobre luz, sombra efeitos etc. foi pesquisando na internet, por pura curiosidade.

Desde criança, observei bastante as pessoas, em especial as mulheres. Acredito que isso se relacione de alguma forma com a minha própria criação. Sou filha de mãe solteira e tenho dois irmãos mais velhos. Desde cedo, tive grande



admiração por minha mãe, devido a sua luta para nos criar, onde passou dificuldades e obstáculos do cotidiano, mas onde também aprendeu ser a mulher que é hoje, guerreira, forte e experiente.

Observo muito o modo como as pessoas andam, comem, sorriem, choram e lidam com seus problemas no dia a dia, queria que de alguma

forma isso fosse passado de um jeito mais interno e íntimo, onde não só ficasse registrado na memória, mas também aos olhos de mulheres que não aceitam o seu íntimo, que não se veem como são. Aí que veio a ideia do nu, que é um momento quando as pessoas estão mais sensíveis para olharem a si mesmas de uma forma natural. Já ouvi de muitas pessoas,





**RELATO DE BÁRBARA
MAGALHANIS, 25 ANOS,
DE SÃO PAULO, ZONA SUL,
FOTOGRAFADA.**

Os dois ensaios realizados com a Thais foram bem especiais para mim. Ela conseguiu com muita naturalidade me deixar a vontade comigo mesma, com meu corpo.

A ideia de fazer os ensaios sempre em conjunto (com duas ou mais mulheres) foi vantajosa. Houve uma união de diferentes corpos reunidos que dialogavam uns com os outros na medida em que a conversa ia surgindo. Todas as fotos foram retratadas com um olhar bem cuidadoso.

Fiquei despidas até onde foi o meu conforto e encaro esses momentos como um dos processos de autoconhecimento e construção de um olhar novo sobre meu próprio corpo.

"Ah! Odeio essa gordura" ou "Ah! Não gosto dessas celulites". E na real: não existe um padrão de beleza e sim uma modelagem sobre o assunto "beleza".

Ao fotografar o "nu", procuro mostrar o estado em que a mulher deseja ser vista, deixar-se levar com sua delicadeza e personalidade. São mulheres nuas como Gimnospermas (sementes nuas) de seus personagens do dia a dia, encarando seus bloqueios e encontrando suas raízes sem preconceito consigo. ■





KARTA PARA LESBIKA **KOR***

TEXTO: FORMIGA

FOTOS: GRAFFITI DA MI



SALVE MANA!

Tua escrita é um registro de saberes antigos do nosso povo, ke delatam séculos e séculos de invasão, colonização, genocídio, sequestro, eskravidão, miscigenação (falo de miscigenação como violência racial por estrupro kontra mulheres indígenas e africanas, e ter tido o aval da Igreja Katólica no começo da colonização na América portuguesa e o plano de branqueamento da população negra arquitetado por racistas brasileiros no século XIX, ke trouxe migração europeia pra o país), falsa abolição...

Saberes de resistência ancestral nos ajudam a continuar akreditando ke o amanhã será melhor. Porke ontem, muita gente morreu pra ke a gente sobrevivesse. Nossas mães, nossas avós, bisavós e tataravós ke traziam, nas peles pretas e vermelhas, os documentos de nossa história de luta. Não podemos deixar isso passar em branco!

Sapatão precisa dessa referência ke usa o negro da tinta pra manchar o papel branco kom letras ancestrais. Porke, na moral, pra saber kem nós somos, é preciso olhar para o passado. Komo ke a gente pode gostar de uma mulher se a gente não souber ke lésbika existe? Toda vez ke você sai na rua mostrando a kara, ajuda uma lésbika a resistir, tipo igual é a eskrita lésbika de kor.

Se a família, a alma, a terra, nossa kultura milenar foi negada a noiz, a eskrita então piorou. Tá na mão dos patriarkas brankos e heteros. Nossas letras ancestrais são orais e, agora, a gente vai tomar de assalto o papel e a

kaneta pra história ser kontada pela nossa visão. Pra gente garantir ke “as nossas”, no futuro, tenham conhecimento de kem a gente é. E não no ke o kolonizador ker ke a gente seja, entende?! Lésbika e ancestralidade: lembro do itân de Oxum e Iansã. Tem também as ikamiabas guerreiras indígenas ke viviam numa tribo só de mulheres.

Solidão da lésbika negra é embacado. Tá relacionado profundamente kom racismo. Ao passo ke sobre a lésbika negra rola o fetiche causado pela hiperssexualização da mulher negra, akontece também o abandono por uma lésbika branca ke não ker apresentar uma lésbika negra pra sua família. Essa solidão tem um impacto profundo nas nossas subjetividades e nas práticas afetivas. Talvez daí vem um jeito de amar esfomeado, desesperado, karente já ke esse amor é tão raro.

**TODA VEZ
KE VOCÊ
SAI
NA
RUA
MOSTRANDO
A KARA, AJUDA
UMA LÉSBICA A
RESIS
TIR,
TIPO IGUAL
E A ESKRITA
LÉSBICA DE KOR.**

* U lance do K é uma referência ao movimento anarkopunk, ke passou e eskrver assim como forma desobediência a norma kulta, ke foi instituída por poderosos.

Ou até mesmo a nossa depressão e o isolamento. Mas, por outro lado, o amor romântico é uma construção social utilizada pra o controle feminino. A maioria das nossas estão sobrevivendo em favelas e periferias trampando em subempregos tipo telemarketing. São poucas ke tem um estudo em uma universidade. Tem mana ke pela fome ou pela ilusão de ostentação ke o consumo dá, mete uns kano na kara dos playboy; tem umas ke trafika e outras ke rodaram e tão tirando uns dia.

A inklusão na sociedade, através do ter nunka vai sei efetiva. É logiko ke a gente precisa de um conforto mate-

rial, mas o kapitalismo é hierárkiko,tá ligada?! Pra existir privilégio tem ke existir kem não tem privilégio: o povão. O padrão e o patrão é branko. Se você ligar a TV, vai ver ke o poder kultural, político, intelectual, financeiro, científiko, é da elite branka. Então a pobreza e a miséria tem kor e parece kom a gente. A única solução ke eu vejo é a revolução! Uma transformação ke depende de kada uma. É a revolução do cotidiano ke eu tô falando, reeducação, crítica e rompimento kom padrões de controle desta sociedade onde o homem branko, riko e hetero é o modelo. O ke mais parece kom esse padrão, tem mais acesso ao sistema. Totalmente ao contrário da gente.

Vamo lá mana, a gente não tem nada a perder, só a ganhar, ganhar a liberdade! Se você ker uma revolução, komece em você mesma. Uma vez uma parceira me falou ke os revolucionários se importavam kom o ser. Pra mim, “ser” é ouvir os próprios desejos e kompartilhar o ke tem de bom. É fazer o ke tem vontade. Tipo sapatão sabe?! Sentir vontade de ganhar um karinho dakela mana e chegar nela, mesmo tendo medo de tomar uma bota.

Ação direta, meu, é entender a realidade e fazer alguma koisa pra mudar. Ser ao contrário do ke o padrão manda, é bater de frente kom o sistema. É se rebelar. Por isso, ke sapatão é uma potência revolucionária. Já reparou ke o certo nessa sociedade é mulher kom homem? A gente, por instinto, escolha ou decepção ker fikar só kom mulher. Muitas já nem se chamam mais de mulher, se denominam sa-

**A GENTE, POR
INSTINTO,
ESCOLHA OU
DECEPÇÃO KER
FIKAR SÓ
KOM MULHER.
MUITAS JÁ NEM SE
CHAMAM MAIS DE
MULHER,
SE DENOMINAM
SAPATAO, LESBIKA,
ENTENDIDA,
FANCHA,
KAMINHOREIRA,
LESBIANA, BUTCH.
A MINHA FUNÇÃO
NA DERRUBADA
DOPATRIARKADO
É A LESBIA
NIDADE.**



patão, lésbika, entendida, fancha, kaminhoneira, lesbiana, butch. A minha função na derrubada do patriarkado é a lesbianidade.

Lesbianidade, na minha opinião, é ganhar um karinho de noite de uma kompaheira, ter alguém pra dividir a vida. Lesbianidade também é auto kuidado, autokonhecimento, amor próprio. É kuidar das raízes, é respeitar ke kuando o berimbau toka tá mantendo viva a história de nosso povo: lembrando as dores, mostrando os perigos do kaminho, ensinando a respeitar as mais velhas e as mais novas e a celebrar a vida, celebrar a vida lésbika é lesbianidade. Falo da capoeira, porke kapoeira é igual a vida ke é loka: uma hora a gente se eskiva de um pé nervoso, outra a gente ataka, outra a gente brinka, outra a gente luta, outra a gente engana, outra a gente tenta não deixar se enganar pedindo sempre a proteção da deusa a labrys, ke é meu patuá.

LESBIANIDADE TAMBÉM É AUTO KUIDADO, AUTO KONHE CIMENTO, AMOR PRÓPRIO

Porke lésbika de kor, lésbika negra, a gente vive no korpo. E é tembém ser fechada kom as irmãs, bolar e exekutar os planos antipatriarkado, é ser guerreira e defender a koletividade.

Mana, lembra sempre de onde você vem pra tá ciente do seu valor, de kem você é. E aí, então, vamos fazer valer a pena pra não mais sobreviver, mas pra super viver. Espero ke essas palavras te fortaleçam mais ainda.

VALEU.

NÓS MULHERES, NÓS MULHERES NEGRIAS

TEXTO: ALESSANDRA TAVARES DE OLIVEIRA

Omedo há séculos é a estratégia mais efetiva de dominação na qual indivíduos são submetidos. Manter um grupo assustado, amedrontado e em pânico é uma forma eficaz de controle.

Nós mulheres somos, na maioria das vezes, vítimas do medo: de sermos o que somos; das represálias; de perguntas; do que os outros vão falar; de não ser interessante ou bonita o suficiente; de nos permitirmos criar algo novo; do agressor; da agressão; de amar; medo que nos acompanha nas ruas e que nos faz mudar nossas decisões, vidas e, por vezes, até o nosso corpo.

Uma pesquisa do site Olga mostra que das 7.672 mulheres entrevistadas 80% já deixaram de fazer alguma coisa por causa do medo, 90% já mudou de roupa pensando que poderia ser assediada, 73% das mulheres não respondem aos assédios, a maioria, por medo. Em pesquisa realizada pelo IBOPE/2006, sobre a Lei Maria da

7.672 MULHERES ENTREVISTADAS

**80% JÁ DEIXARAM DE FAZER
ALGUMA COISA POR CAUSA
DO MEDO,**
**90% JÁ MUDOU DE ROUPA
PENSANDO QUE PODERIA SER
ASSEDIADA,**
**73% DAS MULHERES
NAO RESPONDEM
AOS ASSEDIOS,
A MAIORIA, POR MEDO.**



Penha apontou que na percepção de 78% das mulheres a principal razão que impede a mulher agredida de recorrer à Lei para enfrentar seus agressores era o “medo do agressor”.

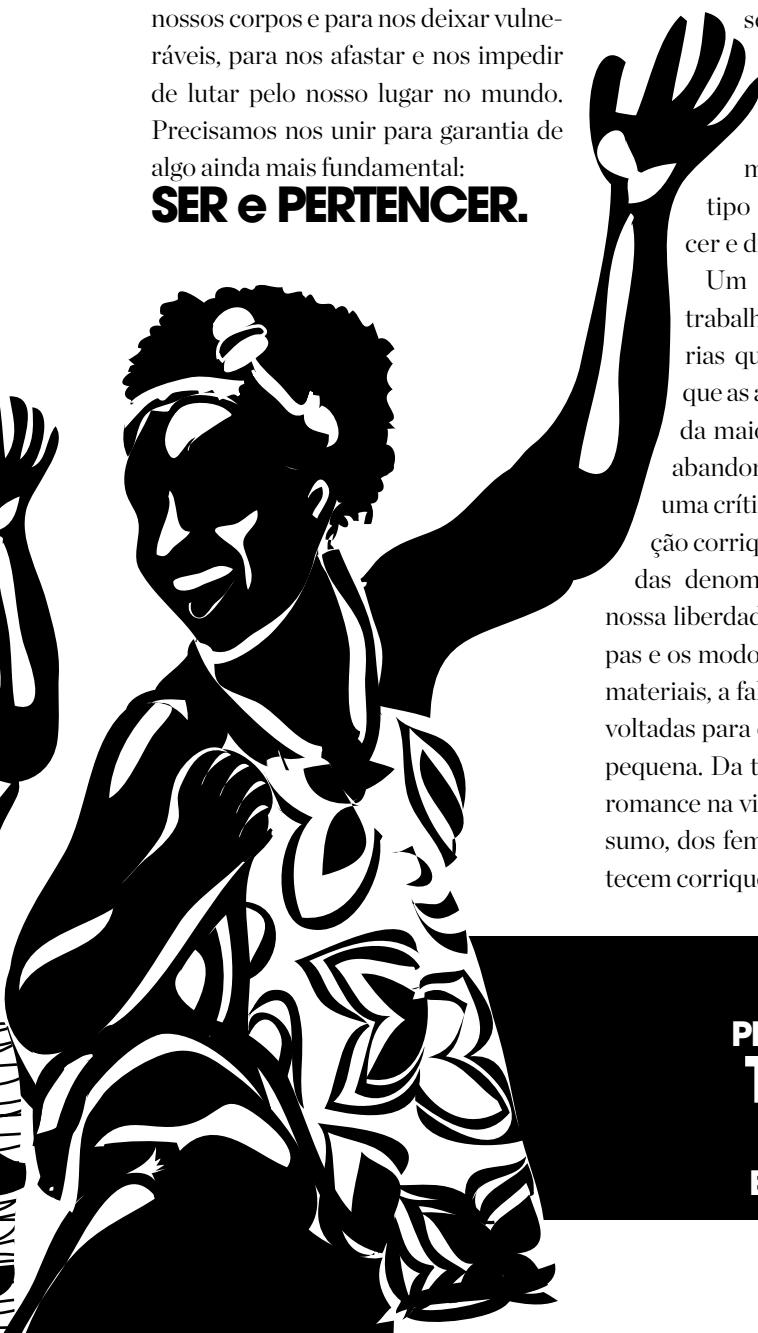
Esse medo não é algo nosso. É algo que nos é imposto! Ele é construído social e historicamente na intenção da dominação política de nossas vidas, nossos corpos e para nos deixar vulneráveis, para nos afastar e nos impedir de lutar pelo nosso lugar no mundo. Precisamos nos unir para garantia de algo ainda mais fundamental:

SER e PERTENCER.

O ser se expande na dimensão do pertencimento, precisamos pertencer a nós mesmas, tomar posse sobre nosso corpo e nossa vida. Pertencer é algo suítil, mas fundante que engrena novidades no espaço público e político mudando a dinâmica da cidade, da linguagem do trabalho e da própria vida.

Hoje pertencemos aos pedaços, às mazelas, às mais variadas formas de violência e silêncios. Nós mulheres estamos, independente da classe social, sempre abaixo nos índices e referenciais das condições de vida e acessos em relação aos homens da nossa mesma classe. Contudo, onde estamos como mulheres pobres? É desse tipo de feminismo que queremos fortalecer e discutir.

Um feminismo que abranja as mulheres trabalhadoras e estudantes tanto das periferias quanto das zonas rurais, em condições que as alternativas já são poucas e o medo ainda maior. Das milhares de mães socialmente abandonadas que tem em sua condição social uma crítica moral de sua dignidade, da legitimação corriqueira do machismo em todos os meios, das denominações que vulgariza e deslegitima nossa liberdade sexual, do julgamento sobre as roupas e os modos, do baixo acesso a bens simbólicos e materiais, a falta de formulação de políticas públicas voltadas para essa parcela da população – que não é pequena. Da total destruição da visão romântica de romance na vida real e da novela com sonho de consumo, dos femicídios, da lista de mazelas que acontecem corriqueiramente sem sensibilizar a ninguém.



**PRECISAMOS
PERTENCER A NÓS MESMAS,
TOMAR POSSE
SOBRE NOSSO CORPO
E NOSSA VIDA.**

Nossa vida é ainda mais complicada, pois estamos mais distante, dentro de uma perspectiva burguesa liberal, de sermos protagonistas de nossas histórias. Se olharmos bem ao nosso redor, mesmo nos movimentos culturais e ou político, lugar mais “descolado”, politizado e repletos de discursos não demoramos nada-nada para encontrar cenas e mais cenas de machismo e violência de gênero. Vão da crítica da liberdade sexual, dos corpos, das escolhas e da comparação de qualquer mulher de decisão com homem, do assédio no ônibus, do medo de chegar em casa a noite, da timidez imposta, do silenciamento quase forçaço como se o espaço público não nos pertencessem.

Se observarmos melhor é perceptível que enquanto somos sacrificadas publicamente – pelos mais diversos motivos – os homens tem seus atos justificados. Todo esse universo simbólico nos serve para o empobrecimento econômico e social das mulheres de nossa classe, que tem menos acessos ao capital cultural, econômico e social. Mais alarmante, temos pouco espaço de exposição de nossas questões que são ao mesmo tempo de gênero e de classe. Uma contradição tamanha que ainda parece despercebida.

Podemos também englobar a situação das mulheres encarceradas que são duas vezes punidas, pela da violação da lei e pela violação do papel cristalizado da mulher. 8% da população carcerária é feminina, enquanto nos últimos dez anos o percentual da população masculina cresceu 105% a das mulheres cresceu 260% sem nenhuma



conquista ou visibilidade [dados da Pastoral Carcerária].

Mas, falar das mulheres pobres não é falar das mulheres negras. Nós mulheres negras somos 26% da população, segundo IPEA, e não somos na maioria das vezes nem sequer retratadas, somos cotidianamente invisibilizadas. E, muitas vezes, nem participamos dos debates sobre a questão da mulher, porque nossa questão é tão profunda e objetiva que a maioria de nós está fora do debate fazendo malabarismo para viver e sobreviver.

Agregamos em nossas histórias o preconceito e as mazelas da condição de gênero, raça e classe social. O relatório do IPEA/2014 Dossiê Mulheres Negras retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil aponta dados alarmantes:

» **A RENDA DAS MULHERES NEGRAS CORRESPONDE A 56% DA RENDA DAS MULHERES BRANCAS.**

» **O ACESSO SOCIAL AOS DIREITOS SOCIAIS BÁSICOS (EDUCAÇÃO, SAÚDE, HABITAÇÃO) É MAIS PRECÁRIO ENTRE MULHERES NEGRAS.**

» **OS POSTOS DE TRABALHOS MAIS PRECÁRIOS - 70% DAS EMPREGADAS DOMÉSTICAS SÃO NEGRAS.**

» **60% DAS MULHERES CHEFES DE FAMÍLIA SÃO MULHERES NEGRAS. NÓS SOMOS PRETERIDAS PARA AS RELAÇÕES MATRIMONIAIS.**

Contudo, não é só das relações objetivas que devemos nos centrar. Nossas marcas são maiores, nossas marcas passam pela negação do nosso papel de protagonista na história das resistências e lutas, na proteção da cultura e ancestralidade africana, da reorganização dos grupos negros (social e economicamente) pós-escravidão e da nossa visão de mundo a partir das contradições que vivemos.

Da exclusão do nosso corpo, nosso cabelo e da nossa própria identidade nos meios que vivemos. Nossa exclusão é ainda maior e marca nossa subjetividade. Os elementos objetivos (sociais e econômicos) servem para produção e reprodução de elementos subjetivos (culturais e subjetivos) de como nós mulheres negras somos ou devemos ser. Que lugar devemos ocupar e como devemos ocupá-los.

Anzaldúa traduz esse sentimento com tamanha precisão que gera arrepios:

Nós sabíamos que éramos diferentes, separadas, exiladas do que é considerado “normal”, o branco-correto. E à medida que internalizamos este exílio, percebemos a estrangeira dentro de nós e, muito freqüentemente, como resultado, nos separamos de nós mesmas e entre nós. Desde então estamos buscando aquele eu, aquele “outro” e umas as outras. E em espirais que se alargam, nunca retornamos para os mesmos lugares de infância onde o exílio aconteceu, primeiro nas nossas famílias, com nossas mães, com nossos pais. A escrita é uma ferramenta para penetrar naquele mistério, mas também nos protege, nos dá um distanciamento, nos ajuda a so-

breviver. E aquelas que não sobrevivem? Os restos de nós mesmas: tanta carne jogada aos pés da loucura ou da fé ou do Estado.

Superar essas cisões dentro de nós e mostrar a ferida aberta como forma de cura, a escrita e tantas outras formas são meios para ressignificar nossa história e, sempre que possível, impedir que outras de nós se tornem carnes jogadas à loucura, à fé ou ao Estado.

Muitas vezes, ao denunciar todos os processos sociais que violentam as mulheres, especialmente, as negras somos acusadas de apelo vitimista. Na minha concepção a superação definitiva da identidade de vítima é o reconhecimento público de sua dor e suas marcas e da própria agressão para, a partir desse momento, uma reconstrução de sua identidade como sujeito inteiro capaz de integrar essas violências em sua trajetória e superá-las. Por vezes, penso que a maioria das denúncias de vitimismo é mais uma agressão ao nosso constante e dinâmico movimento de superação da identidade de vítima para a de protagonistas de nossa história e, sobretudo, da história contemporânea.

Não. Nós dizemos não sistematicamente aos estereótipos e significados que nos são dados. Queremos construir nossas histórias, falas, sentimentos, particularidades e subjetividades. Mais do que construir queremos “nomear”, “significar”, nossas demandas, fortalecendo novas representações das mulheres negras. Queremos ocupar, definitivamente, o lugar de falantes de si e falantes neste processo de encontrar a nós mesmas. ■

REFERÊNCIA: DOSSIÉ MULHERES NEGRAS : retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil / Organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes ... [et al.].- Brasília : Ipea, 2013. Disponível em: http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3039/1/Livro-Dossi%C3%AA_mulheres_negras-retrato_das_condi%C3%A7%C3%B5es_de_vida_das_mulheres_negras_no_Brasil.pdf. Acesso em: 23 de out. 2015.
ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229, jan. 2000. ISSN 0104-026X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/9880>>. Acesso em: 23 out. 2015



Bianca Zorzam, Casa Angela

O DIREITO DE PARIR COM RESPEITO É DE TODAS NÓS!

A gestante
ANE ALVES,
na 38° semana,
decidiu
pelo parto
humanizado.
foto: ALE POCAIA

Emuito comum ouvirmos histórias de partos normais assustadoras: o “sorinho” na veia, o profissional que manda ficar quieta, o acompanhante que não pode entrar na hora do parto, o corte enorme na vagina.

Mas daí, a gente também ouve a história da cesárea marcada, o plano de saúde que cobre a cirurgia, o médico do convênio que só faz cesárea. Por que tanta diferença entre as taxas de parto normal e cesárea no SUS e no convênio de saúde?

O parto normal precisa ser sempre assim? A cesárea é sempre a melhor opção? Parto normal no SUS é parto de pobre e cesárea no convênio é parto de rico?

**POR QUE TANTA
CESAREIA E
PARTO
NORMAL
VIOLENTO?**

Com certeza, os partos são muito diferentes no SUS e no convênio. No SUS, o médico não ganha por parto e não precisa desmarcar suas consultas para ficar acompanhando horas um parto normal. O médico credenciado pelo convênio de saúde pode marcar cesáreas de manhã e ir pro consultório em seguida. No SUS, o médico é plantonista, ou seja, está lá para cumprir suas horas de trabalho.

Esse é um lado da história que podemos chamar de econômico, porque tem a ver com as vantagens financeiras entre os tipos de parto para os profissionais. Mas também existem outros argumentos pra entender o assunto.

A gente também pode pensar que, de acordo com a cultura, as mulheres podem ser incentivadas a acreditar ou não no próprio corpo. Além disso, uma sociedade que não respeita os direitos das mulheres, não respeita seu parto, não respeita o direito de decidir sobre o próprio corpo e o modo como deseja decidir o nascimento de seus filhos.

Durante muitos anos, a medicina acreditou que o parto deveria ser acelerado, entendido como uma doença para as mulheres: ele deveria ser rápido com o “sorinho” e o bebê puxado com o fórceps. A própria vagina das mulheres era



PARTO HUMA NIZADO PARA RESPEITAR NOSSOS DIREITOS.

Sequência de fotos do Projeto Humanascer, da fotógrafa BRUNA QUESADA, com a parturiente ISABELA PENOVA na Casa de Parto Ângela, em setembro de 2013

vista como incapaz para abrir e ajudar na saída do bebê; por isso, inventaram a episiotomia (o corte na vagina).

Desde então, o parto normal tem sido vivido dessa forma pelas mulheres: sem poder de decidir sobre seu próprio corpo, na maioria das vezes, acabam vivendo um parto traumático ou uma cesárea marcada. A cesárea poderia ser entendida, então, como uma forma de se livrar de todo esse jeito mecânico de tratar o parto normal. Mas, a cesárea é uma cirurgia e deveria ser indicada somente quando necessário.

Apesar disso, vários órgãos de saúde como a Organização Mundial de Saúde e o Ministério da Saúde vêm tentando mudar esse modo de entender o parto, orientando mudanças na prática dos profissionais, para que o corpo de cada mulher e seus direitos sejam respeitados – isso é o que se pretende com a humanização do parto.

Respeitar o corpo de cada mulher é não acelerar o parto sem necessidade, oferecer apoio para as mulheres lidarem com a dor, permitir a presença de um acompanhante e profissionais capazes de entender o parto; não somente como uma experiência que acontece no corpo, mas também na vida afetiva de cada mulher e sua família.

Respeitar os direitos das mulheres, suas histórias, seus desejos e escolhas. Permitir que elas tenham informações no pré-natal para decidir o tipo de parto que querem ter. Além disso, toda mulher deve ter respeitado o direito ao acompanhante no trabalho de parto, parto e pós-parto. Uma assistência respeitosa, que acolha a mulher e sua família, respeite seu corpo e seus desejos: esse é um direito de todas nós e que deve ser respeitado em todo serviço de saúde. ■



O Parto da Iandara, minha primeira filha, foi uma experiência de empoderamento em minha vida. Foram 12 horas de trabalho de parto depois da bolsa rota, muitos exercícios para dilatação e pouca dilatação de fato. Por conta do teto de 16 horas para o parto depois da bolsa rota, que é uma regra imposta por pelo Conselho Federal de Medicina às casas de parto, resolvi aceitar o uso de ocitocina sintética para acelerar o trabalho de parto, foi aí que comecei a sentir vontade de expulsar o bebê. Iandara nasceu, meio-dia, dentro de uma banheira com água morna, com o cordão enrolado duas vezes no pescoço dela, e sem eu sofrer nenhum corte ou ruptura no períneo da vagina.

Depois de um ano e dez meses do meu primeiro parto, tive o parto do Ywyra, que foi totalmente diferente do primeiro. Foram 3 horas de trabalho de parto, totalmente natural sem intervenção de médicos ou medicamentos. Ele também estava com o cordão enrolado no pescoço – o que segundo as parteiras é muito co-

**MUITA GENTE
NÃO SABE MAS
APÓS A TERCEIRA
CESÁRIA OS
MÉDICOS FAZEM
LAQUEADURA,
PORQUE Torna-SE
ARRISCADO
PARA A MÃE TER
OUTROS PARTOS.**



um – e saiu primeiro o braço e depois a cabeça, situação que poderia ter que custado uma cesária se eu estivesse em um hospital, mas como eu estava em uma casa de parto eu tive ele “de quatro” e sem, novamente, ter sofrido nenhum corte no períneo.

A experiência do parto em casa de parto foi muito boa. Durante todo pré-natal sentia o empoderamento sobre o processo, o domínio e conhecimento do meu corpo, entender meus hormônios e trabalhar com eles. Saber que eu sou capaz de gerar uma criança sem intervenção de um médico ou uma médica, me fez sentir um poder feminino que é puro instinto.

Mesmo tendo ficado um pouco frustrada por usar ocorrência sintética e não ter tido por conta disto um parto totalmente natural, no meu primeiro parto, já me senti muito empoderada, o que me deu coragem de reviver a experiência com meu segundo filho.

Ter o parto natural tem tudo a ver com o feminismo, pois é o pleno controle dos direitos reprodutivos. Se meus dois partos tivessem sido cesária, eu poderia ter apenas mais um parto, porque provavel-

mente seria cesária. Muita gente não sabe mas após a terceira cesária os médicos fazem laqueadura, porque torna-se arriscado para a mãe ter outros partos. Além disso é muito difícil ter um parto natural depois da cesária, tem um pouco mais de risco, mas sabemos que muitas mulheres têm parto natural mesmo depois da cesária. Porém é quase impossível ter este parto em casa de parto nestas circunstâncias, sobra mesmo a alternativa de contratar uma parteira. Desta forma o tipo de parto que nós temos interfere no nosso direito reprodutivo de escolher quanto filho queremos ter.

O parto natural fez eu cuidar muito mais da minha saúde, da minha mente e espírito porque eu tive a consciência que todos estes fatores iriam influenciar no sucesso do meu parto. Quando eu cuidava de mim, eu também cuidava deles ainda em formação dentro de mim. Eu pude gritar, eu pude chorar, andar, comer, beber, tomar banho, andar no jardim, namorar. Eu pude ser humana e animal durante meu parto natural. Eu fui protagonista em todo o processo. Eu nasci uma mãe exatamente na hora em que meus filhos estavam totalmente prontos para nascer. Hoje, não há nenhum momento que eu quero esquecer desta experiência, nenhuma violência obstétrica, nenhuma separação entre mim e os meus filhos, nenhuma violação de direitos. **55**

CRIS ROSENO

IDENTIDADE E LUTA LGBTT⁴ NA PERIFERIA

TEXTO: LUANA NASCIMENTO E DENNYS KNOWLES, COLETIVO DIVERSOU

Para pensarmos sobre identidade e luta LGBTT é importante entender que a sexualidade, as identidades e o gênero são construídos socialmente. A homo-lesbo-bi-transfobia não é uma novidade em nossa história desde o desembarque dos “conquistadores”, que trouxeram a Inquisição e suas punições aos que se desviavam da moral sexual oficial. Todas/os que não corresponderam às expectativas da elite heteronormativa sofreram com as retaliações, preconceitos e discriminação.

Uma das primeiras expressões da homo-lesbo-bi-transfobia inicia-se com a atribuição das relações homoafetivas ao pecado, afirmando apenas que homens e mulheres devem se relacionar – nessa parte da história muitas/os foram queimadas/os em fogueiras.

O segundo momento é quando se considera a homossexualidade/ bissexualidade/transexualidade como crime contra a moral e os bons costumes, levando pessoas às prisões ou sendo massacradas no holocausto. Os indicadores da violência contra a população LGBTT – organizado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), continuam crescentes e alarmantes com o aumento da homo-lesbo-bi-transfobia. Segundo o grupo, o Brasil é o campeão em crimes motivados pela orientação sexual e identidade



de gênero – a cada um dia e meio uma pessoa LGBTT é assassinada no país.

Tudo que foi dito até aqui está na esfera macro da história, quando nos aproximamos da nossa realidade - moradoras/es da periferia, podemos dizer que atualmente temos conquistas positivas quando pensamos no número de grupos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais que se constituíram e se fortaleceram nas periferias. Por outro lado temos que refletir o quanto do histórico preconceituoso do sofrimento, da lesbofobia, homofobia, bifobia e transfobia, estão incutidos por detrás do surgimento de tais grupos. Há ainda outro ângulo que

podemos visualizar que é a necessidade de afirmação de luta LGBTT e do empoderamento das identidades de tais grupos.

**A CADA
UM
DIA
E MEIO
UMA
PESSOA
LGBTT É
ASSAS
SINA
DA
NO PAÍS.**

O que podemos concluir é que ainda o movimento está longe de findar diante à intolerância e preconceito que vivemos, porém é tão rico vivenciar o protagonismo da mulher lésbica/trans/bi, na maioria das vezes negra, pelo reconhecimento e pela igualdade de direitos para superar o conservadorismo que pune e exclui as expressões da diversidade sexual. ■

INFECÇÃO POR HIV ENTRE MULHERES CRESCE 44%.

SECRETARIA DE POLÍTICA PARA MULHERES



CAMISINHA



USE

SEM VERGONHA!

Muitas mulheres têm vergonha
de carregar camisinhas na bolsa.
Algumas tem medo de exigir do
parceiro o uso da camisinha.
E você?

Se importa com o que eles
pensam ou se importa com você?
SE AME! SE CUIDE!

#FICAADICA



MA TER NI DA DE: **AQUILO QUE DÀ NO CORAÇÃO.**

TEXTO: JAQUE CONCEIÇÃO

Quando recebi o convite para escrever este texto sobre maternidade e feminismo, fiquei pensando como seria juntar essas duas coisas, que parecem tão distintas.

Pensei, no começo de tudo, em mim. O começo foi a maternidade. Já era mãe do meu segundo filho quando parei pra pensar pela primeira vez se me cabia o tal feminismo.

Eu acredito que a gente se descobre e se inventa mãe todo dia, assim como o feminismo. Por isso, queria dividir com vocês, agora, as minhas maiores dúvidas: Mas afinal, o que é ser mãe, o

que é a maternidade? O que ser feminista, o que é feminismo?

Trabalhei muito tempo em abrigos e aprendi que o jeito de ser mãe que minha mãe me ensinou, não servia pra todo mundo. Cada mulher, ao ter seus filhos, é mãe do seu jeito e como o meio social e cultural que ela vive permite que ela seja. Pra mim, ser mãe é aquilo que dá no coração, seja bom ou ruim. Quando pensamos e agimos em relação aos nossos filhos e a maternidade, é o ir e vir diário desses sentidos e pensamentos. Ser mãe e ser mulher não são coisas que se separam, muito embora a nossa sociedade tente matar a identidade de mulher de todo indivíduo que é mãe – não tem até tem aquela piada: “mães não treparam”?!

Mas sabe, foi no meio desse caminho que descobri que além de ser

mãe, eu também sou feminista. Começou assim: meu filho mais velho é resultado de um relacionamento afetivo que não deu certo e, por um ano (antes de juntar os panos com meu atual companheiro e pai dos meus dois filhos – o mais velho e o caçula), eu fui mãe solteira e respondi por todos os erros cometidos pelo pai da criança e por mim. E quanto mais me acusavam, mais eu sofria.

Quando conheci e passei a conviver com meu companheiro, eu conheci outras mulheres que já eram feministas e que me mostraram que não era culpa minha o cara ter ido embora, não era só culpa minha eu ter engravidado e que havia toda uma lógica da sociedade que me culpabilizava por tudo isso. Eu nem fazia idéia do que era feminismo. Só sabia que eram mulheres fortes, independentes, que se apoiavam, ouviam-se, dividiam as coisas da vida e principalmente: lutavam e sonhavam em ser livres. Nada disso, estava longe daquilo que eu já acreditava ser o melhor pra mim, a única diferença é que antes delas eu era sozinha, eu e as minhas dores. E cá entre nós, quem tem mais dores nesse mundo do que as mães?

O bobão do Cazuza disse que só as mães são felizes, que nada! Dói o peito, dói a cicatriz, dói a doença do seu filho, dói a falta de leite e de fralda, dói a solidão, dói o corpo que mudou, dói o filho que caiu e se machucou, dói... Mas com as feministas, a dor era coletiva e assim ela virava sonho, desejo, pensamento, criação, liberdade.

Hoje, tenho 30 anos. Quando olho minha vida nos últimos 10 anos, tenho certeza que a coisa mais linda e maravilhosa que fiz por mim, depois de ter sido mãe, foi ter me construído feminista.

A maternidade me deu uma nova visão de mundo e do outro. O feminismo me deu liberdade, poder, força.

**SER MÃE
E SER MULHER
NÃO SÃO COISAS
QUE SE SEPARAM,
MUITO EMBORA
A NOSSA
SOCIEDADE TENTE
MATAR A
IDENTI
DADE
DE MULHER DE
TODO INDIVÍDUO
QUE É MÃE**

**É, O FEMINISMO
TAMBÉM É AQUILO QUE
VAI AO CORAÇÃO.**





MACHISMO O EOPRESSÃO CONTRA AS MINAS DA TOP OPERIFERIA

TEXTO: JESSICA DARA

FOTOS: CAROL TEIXEIRA

E DANIEL ALEXANDRINO

Infelizmente, vem acontecendo uma exposição muito forte contra as minas da perifa, no chamado top 10.

O top 10 é feito geralmente por manos com intenção de expor as minas, que eles chamam de “vadia, vagabunda” – minas que têm autonomia sobre o próprio corpo e liberdade sexual – exibindo-as em vídeos públicos de cunho extremamente machista.

Por conta dessa exposição, o coletivo “Mulheres na luta” resolveu fazer uma ação para desencorajar essa prática entre os caras e apoiar as minas que aparecem nos vídeos, dando o recado que nenhuma mulher está sozinha.

Nessa ação, as minas resolveram fazer um “Grafito feminista”. Segue a entrevista com as guerreiras do Grajaú, contando um pouco sobre o ato de resistência aqui da quebrada.



APRESENTAÇÃO DO COLETIVO MULHERES NA LUTA:

Nós somos mulheres moradoras do Grajaú, estudantes, negras, brancas, miscigenadas, filhas de nordestinas e nordestinos, mães solteiras e trabalhadoras e nos conhecemos em 2013 durante um curso no Cedeca Interlagos (Centro de Defesa dos Direitos das Crianças e Adolescentes). E, a partir de vários questionamentos, surgiu a necessidade de falar deste feminismo periférico que é a luta de mulheres como nós, que enfrentam problemas como os nossos. Devido a essa inquietação surgiu o interesse em realizar atividades para a comunidade sobre o tema, pois sabíamos o quanto era necessário debater e desconstruir o machismo dentro da periferia. Precisamos falar sobre feminismo agora, urgentemente, cada vez mais levá-lo para outros ambientes, pois enquanto houver mulheres sendo oprimidas, o feminismo se faz necessário para romper essas correntes. Se antes achávamos isso... Agora temos certeza de que **JUNTAS SOMOS MAIS FORTES!!!**

"Grafitaço Feminista"

Você já ouviu falar em Top 10?

São vídeos feitos para humilhar meninas, mostrando suas fotos e intimidade. Algumas garotas nem sabem que suas fotos estão lá, e as que sabem muitas vezes se isolam, ficam tristes ou tentam suicídio. Isso é bem grave!!

Vimos que algumas meninas estão sendo humilhadas com piadas nos muros, por isso no dia 23 e maio a partir das 10h estaremos no Escadão da Rua João Paulo Barreto grafitando e mostrando para as meninas que estamos com elas e podem contar conosco!!

Não aceitaremos caladas que nossas meninas sejam humilhadas!



AÇÕES QUE O COLETIVO JÁ EXECUTOU:

Nossas ações se iniciaram com várias discussões, dentro de alguns pontos que seriam pertinentes na periferia, são eles: sobre o feminismo negro e periférico, aborto, gravidez na adolescência, saúde da mulher, violência doméstica e o protagonismo feminino. Promovemos ainda eventos e discussões sobre o dia 25 de Julho (Dia Internacional da Mulher).



Grafitaco foi um evento realizado no dia 23 de maio de 2015, em solidariedade as minas expostas pelo top 10 na região do Grajaú.



vários temas, como o machismo na mídia, sexualidade e gênero, a violência e suas várias formas veladas e naturalizadas pela sociedade e sexism em geral.

ACÃO "GRAFITACO FEMINISTA"

QUANDO HOUVE A IDEIA PARA A EXECUÇÃO DESSA AÇÃO?

A ideia do Grafitaco surgiu de uma inquietação que todas nós tínhamos com a exposição de alguns nomes de meninas espalhados por todo o Grajaú. Logo em seguida, uma das componentes do coletivo (Elânia), que dava oficina de sexualidade nas UBS (Unidade Básica de Saúde), ficou sabendo da ocorrência de alguns suicídios por conta da exposição da sexualidade de algumas meninas na internet, o famoso Top 10, e que isso ocorria na maioria das vezes dentro das escolas. Até mesmo onde ela morava, próximo a UBS, existia o nome exposto de uma das meninas que estavam no Top 10, de uma forma pejorativa. Pensamos que podíamos cobri-lo como forma de apoio às meninas que estavam morrendo e ficando depressivas por serem expostas... E já que era pra ter o nome nos muros, que fossemos nós mulheres que colocássemos!

Negra) e qual a importância desta data na vida de nós mulheres negras; Sarau das Mina, que foi um espaço que deu voz às mulheres periféricas; Grupo de estudos sobre o feminismo periférico; Grafitaco – que reuniu várias mulheres, de vários lugares da grande São Paulo, com o intuito de pintar os muros e cobrir o nome de uma garota que foi exposta no TOP 10.

Hoje estamos nas escolas com oficinas que abordam

VOCÊS TIVERAM CONTATO COM AS MINAS QUE FORAM VÍTIMAS DO TOP 10? COMO FOI ESSA CONVERSA?

Tivemos pouco contato com estas meninas, apesar de ser corriqueiro elas estarem, a todo o momento, sendo expostas neste Top 10. Nas poucas conversas que tivemos, percebemos profunda depressão, vergonha de ir à escola, vergonha dos amigos/pais, mudança de bairros, sentimento de culpa. Disponibilizamo-nos em fazer atendimento psicológico para estas meninas, porém, o contato é bem difícil com estas famílias, que no momento só querem preservação.

AS MINAS VÍTIMAS DO TOP 10 PROVAVELMENTE FICARAM SABENDO DA AÇÃO POR CONTA DA DIVULGAÇÃO QUE TEVE. DEPOIS VOCÊS TIVERAM CONTATO COM ELAS?

Algumas vítimas foram lá grafitar conosco ou ver como estava e para nós foi muito satisfatório.

A AÇÃO NA QUEBRADA TEVE APOIO DOS MORADORES DA REGIÃO?

Como foi uma ação pensada com a equipe da UBS, os agentes comunitários tiveram um papel de grande relevância, conversando com os moradores, pedindo autorização dos muros e dando todo suporte no dia

A ação contou com grafiteiras e artistas visuais de todas as quebradas e também com outros pessoas que se identificaram com a causa





da ação, com lanches, água e transporte de equipamentos. A UBS ficou aberta para qualquer eventualidade e os moradores também abraçaram a causa e participaram.

POR QUE AQUELE LOCAL FOI ESCOLHIDO?

Porque havia o nome de uma moradora do bairro, vítima do TOP 10, exposto há mais de um ano nesse escadão. E ninguém se preocupou em apagá-lo, mesmo tendo vários pichadores e grafiteiros no bairro.

DEPOIS DESSA AÇÃO, AS MINAS VÍTIMAS DO TOP 10 VIERAM ATÉ VOCÊS PARA RELATAR MAIS CASOS?

Tivemos contato pessoal com algumas, mas fomos mais procuradas pela internet, pela página que estava divulgando o Grafitaco.

PODERIA CONTAR A EXPERIÊNCIA QUE FOI FAZER ESSA AÇÃO DIRETA JUNTO A OUTRAS MINAS, MILITANTES OU NÃO?

Foi uma surpresa porque conhecemos manas de todo lugar de São Paulo e interior. Achamos que a causa não teria tanta adesão e as irmãs chegaram com tudo e lotaram o escadão com artes lindas e até hoje temos contatos maravilhosos de irmãs de luta, que somam em várias outras parcerias conosco, virou uma troca muito bonita.

A PARTIR DESSA AÇÃO DE EXEMPLO E REFERÊNCIAS PARA AS MINAS NÃO SE CALAREM DIANTE DESSA EXPOSIÇÃO MACHISTA, VOCÊS TÊM EM MENTE MAIS AÇÕES COMO ESSA NA QUEBRADA?

A partir desta ação, pensamos a importância de fazermos o trabalho de base nas escolas da região, como forma de empoderar esta menina que está ou não no Top 10. Temos em vista algumas ações que serão construídas juntamente com os adolescentes das escolas e algumas ações nossas, visando o grafite, porém com foco no genocídio da mulher negra e periférica. ■



CICLO DE VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER:

**ELA
ACREDITA
QUE
ELE VAI
MELHORAR**

FONTE: DOSSIÊ VIOLÊNCIA
CONTRA AS MULHERES,
INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO

O chamado ‘ciclo de violência’ é uma forma muito comum da violência se manifestar, geralmente entre casais. Compreender o ciclo de violência ajuda a entender a dinâmica das relações violentas e a dificuldade de a mulher sair dessa situação.

O ciclo começa com a fase da tensão, em que as raivas, insultos e ameaças vão se acumulando. Em seguida, aparece a fase da agressão, com o descontrole e uma violenta explosão de toda a tensão acumulada. Depois, chega a fase de fazer as pazes (ou da ‘lua de mel’), em que o parceiro pede perdão e promete mudar de comportamento, ou então age como se

nada tivesse ocorrido e, ao mesmo tempo, fica mais calmo e carinhoso e a mulher acredita que a agressão não vai mais acontecer. Esse ciclo costuma se repetir, com episódios de violência cada vez mais graves e intervalo menor entre as fases. Por isso, permanecer em uma situação violenta sem procurar ajuda, seja de familiares, amigos ou da rede de atenção, pode representar riscos com consequências graves. A mulher que está nessa situação em geral precisa de apoio para quebrar o silêncio e romper esse ciclo.

Especialistas observam que, nesse contexto, não se deve julgar a mulher que permanece em uma relação violenta, mas procurar entendê-la e ajudá-la a sair dessa situação, tendo em mente que o rompimento também coloca sua vida em risco. Sem segurança e sem apoio, isso é muito difícil.

LIGUE 180

**PARA DENÚNCIAS
OU INFORMAÇÕES
PARA REDE DE
ATENDIMENTO
A MULHER.**

CENTROS DE CIDADANIA DA MULHER - CCMS

Os Centros de Cidadania da Mulher são espaços de qualificação e formação em cidadania ativa, onde mulheres de diferentes idades, raças e crenças podem se organizar e defender seus direitos sociais, econômicos e culturais, além de propor e participar de ações e projetos que estimulem a implementação de políticas de igualdade com o objetivo de potencializar, por meio do controle social, os serviços públicos existentes para atender às suas necessidades e de sua comunidade.

ESSA LUTA É DE TODA COMUNIDADE,

SEJA MULHER OU HOMEM, NÃO SE CALE DIANTE DESSAS AGRESSÕES, VOCÊ PODE SALVAR VIDAS.

BASTA DE VIOLENCIA CONTRA AS MULHERES!

BASTA DE HOMENS AGRESSORES!

Abaixo segue algumas entidades que você pode procurar ajuda especializada para seguir sua vida livre de violência:

CENTROS DE ATENDIMENTO PARA MULHERES VÍTIMAS DE VIOLENCIA

Os Centros de Atendimento para Mulheres Vítimas de Violência são unidades voltadas para a mulher em situação de violência doméstica e familiar. O objetivo é oferecer suporte para as mulheres que sofreram agressões, como também disponibilizar orientações jurídicas para futuras ações legais.

■ **CENTRO DE REFERÊNCIA DA MULHER:** Rua 25 de Março – Centro. Fone: (11) 3106-1100
Casa Eliane de Grammont: Rua Doutor Bacelar, 20 – Vila Clementino. Fone: (11) 5549-9339 5549-0335

■ **CISM I CENTRO DE INTEGRAÇÃO SOCIAL DA MULHER I:** Rua Álvaro Nunes, 184 - Campo Belo. Fone (11) 3271-7099

■ **CISM III - CENTRO DE INTEGRAÇÃO SOCIAL DA MULHER III:** Rua do Fico, 234 - Ipiranga. Fone (11) 2272-0423

■ **CASA SOFIA:** Rua Doutor Luiz Fernando Ferreira, 06 – Jardim Dionizio. Fone: 0800-770-30-53 / (11) 5831-3053

■ **CCM CAPELA DO SOCORRO:** Rua Professor Oscar Barreto Filho, 350 - Parque América – Grajaú. Fone: (11) 5927-3102 / (11) 5929-9334

■ **CCM PARELHEIROS:** Rua Terezinha do Prado Oliveira, 119 – Parelheiros. Fone: (11) 5921-3935 / (11) 5921-3665

■ **CCM SANTO AMARO:** Rua Mário Lopes Leão, 240 – Santo Amaro. Fone: (11) 5524-4782 / (11) 5521-6626

estamos de olho

SANE SALVE

TEXTO: FORMIGA

**“...U ÓDIO
DE KLASSE
É PARTE DO
MOTOR DA
KQNS
CIEN
CIA
SOCIAL, MAS
REPRODUZIR
MISOGINIA SÓ
FECHA KOM
A IDEIA DO
BURGUÊS DE
DOMINAÇÃO
MAS
KU
LINA.”**

Kem fala é FORMIGA, satisfação sou poeta sapatão e a minha missão aki é dar uma ideia feminista sobre u som ke eu kurto até umas hora us Racionais MCs. Independente de achar u som muito loko expressa koisas machista ke fere minha koletivididade feminista e é um atraso pra revolução periférica.

Os Racionais tão há mais de 25 anos fazendo rap nacional a kaminhada é longa e diskografia é komposta de muitos álbuns então eu eskolhi uma koletânia deles pra comentar: a Racionais Mcs do ano 1994 komposta pelos álbuns Holokausto Urbano de 1990, Eskolha seu Caminho de 1992 e Raio X do Brasil de 1993. A faixa um é a Fim de Semana no Parke: me lembro da minha infância, essa meu tio me fez dekorar. Mas tem várias palavras zuadas, misogina mesmo, tipo “vagabunda”, “(...)afoga essa vaka dentro da piscina”. Nessa parte dá pra entender ke u ódio de klasse é parte do motor da konsciênci social, mas reproduzir misoginia só fecha kom a ideia do burguês de dominação maskulina.

A Parte II é a segunda faixa e é de longe a música mais eskrota do Racionais: fala de mulher como propriedade do homem, valoriza a monogamia e eskulacha mulheres ke não kumprem sua função social de ser mulher de uma kara. Usa palavras degradantes pra falar da esposa ke trai o marido. Não tem preokupação de entender o porke desse tipo de relação de homem e mulher, porke a gente bem sabe ke a monogamia no casamento é só para mulheres. Akela frase ke us kara diz “sou casado mas não sou kapado” exemplifika isso ai. Meu é por essas e por outras ke pra mim a heterossexualidade é kompulsória e atua como uma instituição social pra explorar mulheres.

A faixa três é Mano na Porta do Bar ke konta a história de um kara sossegado ke akaba entrando pro krime, ai tem uma parte ke ela fala assim: “tem poucos bens mais ke nada um fuska 73 e uma mina apaixonada”, essa parte da margem pra interpretação do tipo: o amor de uma mulher como algo positivo na vida du

kara, mas mulher komo propriedade masculina. O que é a norma patriarkal.

A faixa 4 é um dos grandes klássikos dos kara, fundamental pra kem gosta de músika preta brasileira, nesse trampo eles até falavam de terreiro e orixá, miséria na favela e o estigma ke o ex-presidiário sofre: “(...)até o IBGE passou aki e nunka mais voltou, numerou us barrako, fez uma par de pergunta, logo depois eskeceram filha da puta. Acharam uma mina morta e estuprada, devia estar kom muita raiva, mano kuanta paulada, estava irrekonhecível, o rosto desfigurado, deu meia-noite e o korpo ainda estava lá koberto kom o lençol (...)”. Nessa parte, ele tá falando do deskaso do Estado kom nosso povo só ke vou ta chamando a atenção

pra essa mania ke noiz tem de falar “filha da puta” porke mana, o ke ke a puta tem haver kom isso? Para pra pensar ke a puta é mulher e a gente tá inferiorizando essas mulheres ke sofrem uma pá de violência na rua e ainda a gente usa um palavrão pra tirar elas indiretamente. É uma koisa do cotidiano ke noiz nem percebe mas kolabora kom a mentalidade de ke mulher é menos ke homem. E não existe homem “puta” só mulher “puta”.

A outra parte da músika fala de uma mina morta e estuprada, eu nem tinha reparado, mas uma irmã ke kestionou essa parte: “devia estar kom muita raiva mano kuanta paulada”, isso pra mim é violência kontra a mulher e é igual eu falei da outra vez: ódio faz parte da konsciênciā d@ oprimid@, só ke não é um ódio só de ser oprimido ke tá explicito ai, é um ódio kontra mulheres ke é motor da hierarkia de gênero, então isso é zudo manA. Mesmo sendo homem preto periférko eles são konsiderados nessa sociedade patriarkal ke valoriza o falo e us kara kantando representa a periferia mas tira minhas irmã então tem ke ser delatado pra gente mudar essa real de violência kontra mulher. Logo menos na próxima edição essa resenha feminista tem kontinuação.

VALEU!

**“TEM POUcos BENS MAIS
QUE NADA UM FUSCA 73 E
UMA MINA APAIXONADA”**

“VAGABUNDAS”

FIM DE SEMANA NO PARQUE, RAIO X DO BRASIL

**“DEVIA ESTAR COM
MUITA RAIVA MANO
QUANTA PAULADA”**

HOMEM NA ESTRADA, RAIO X DO BRASIL



ELEIÇÕES PARA O CONSELHO TUTELAR

Para ver outros locais de votação da sua região acesse:
http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/direitos_humanos/noticias/index.php?p=204503



Conselho Tutelar é um órgão essencial ao Sistema de Garantia de Direitos, responsável por zelar pelo cumprimento dos direitos das crianças e adolescentes. Assim ele trabalha diretamente com as demandas do cotidiano da população que, na maioria das vezes, vão ao Conselho Tutelar ou recebem sua visita em situações de crises e dificuldades - histórias de vida complexas, confusas, diversificadas.

Não devemos pensar que essa não é uma pauta importante para as feministas. As histórias que chegam ao Conselho Tutelar, na maioria das vezes, envolvem situações familiares onde a mulher é criminalizada por não responder ao ideal materno, sendo responsabilizada exclusivamente pelo cuidados dos seus filhos. Silenciando as questões de gênero e a própria história dessas mulheres. De outro modo, há os conflitos que envolvem violência física e sexual contra jovens e meninas, os quais são entendidos por um viés machista e com pouca atenção ao atendimento a essas crianças e adolescentes.

QUEM PODE VOTAR?

Pessoas maiores de 16 anos, com título de eleitor emitido até o dia 3 de abril de 2015. O voto é facultativo e secreto e cada eleitor poderá escolher até cinco (5) candidatos.

DOCUMENTOS NECESSÁRIOS

Documento de identificação com foto e Título de Eleitor.

LOCAL DE VOTAÇÃO

Os eleitores deverão votar em sua região de domicílio eleitoral. A votação será realizada em mais de 380 pontos distribuídos pela cidade.

LOCAIS PARA VOTAÇÃO DOS CONSELHOS TUTELARES DO JARDIM SÃO LUIS

Encontre o seu colégio eleitoral nas listas abaixo para saber onde votar

EE Heidi Alves Lazzarini
EE Professor Arnaldo Laurindo
EMEF Otoniel Motta
EMEF Prof. Lorenço Manoel Sparapan
EMEI Mário Sette

► EMEF OTONIEL MOTA

Rua Raimunda Franklin de Melo,
184, Parque Santo Antonio

EE Antônio Manoel Alves De Lima
EE Marechal Eurico Gaspar Dutra
EE Prof. Luiz Gonzaga Pinto e Silva
EE Vila São Luís - Atual EE Profa.
Solange Aparecida Landeiro
Aguiar
EMEF General De Gaulle

► EMEF GEN. DE GAULLE

Rua Mourisca, 16,
Jardim Ibirapuera

CEI Jardim Klein
EE Sinhá Pantoja
EE Martinho Da Silva
EE Monsenhor João Batista De Carvalho
EE Octalles Marcondes Ferreira
EE Professor Elyo Ferreira De Castro
EE Professor Norberto Alves Rodrigues
EE Vicente Leporace
EMEF Bacharel Mario Moura De Albuquerque
EMEF Mauro Faccio Goncalves Zacaria
EMEF Profª Anna Silveira Pedreira
EMEF Pracinhas Da Força Expedicionária Brasileira
EMEI Dinah Silveira De Queiroz

► EMEF BEL. MARIO MOURA E ALBUQUERQUE:

Rua Humberto de Almeida, 521,
Chacara Santana

EE Dona Zulmira Cavalheiro Faustino
EE Dr. Alberto Badra
EE Prof. Caram Apparecido Gonçalves
EE Prof. Renato Braga
EE República Do Panamá
EMEF Cel. Luís Tenório De Brito
EMEF CEU Casa Blanca
EMEI CEU Casa Blanca

► CEU EMEF CASA BLANCA

Rua João Damasceno, 85,
Vila das Belezas

Colégio Comendador Elias Zarzur
Colégio Guarapiranga
EE Paulo Octávio De Azevedo

► SUBPREFEITURA M'BOI MIRIM

Av Guarapiranga, 1695

EE Profa. Marilda Garbossa
Francisco
EE Reverendo Jacques Orlando
Caminha Dávila
EMEF Procópio Ferreira
EMEF Prof. Árton Arantes Ribeiro

► EMEF PROCÓPIO FERREIRA

Avenida Fim de Semana, 527
Jardim Casablanca

CEI Parque Santo Antonio
EE Antonio Aggio
EE Eugênio Mariz De Oliveira Netto
EE Professor Antonio Bernardes De Oliveira

► EMEI DEP. SALOMAO JORGE

Rua Bacabinha, 200
Jardim São Joaquim

A CULPA NÃO É SUA

A CULPA NÃO É SUA

Quando a rua está escura

Quando a roupa é ou não é curta

Quando o horário está avançado

Quando às sombras alguém está te seguindo

Nossos corpos nunca

Devem ser violados à força

Invadidos sem consentimento

Chantageados como prova de amor

Seja o meu, o seu, o delas.

Nunca!

A CULPA NÃO É SUA

Quando o parceiro te abandona

Deixa os filhos pra criar

Não contribui com absolutamente nada

Dinheiro, carinho, presença ou lembrança

E você sai cedo para trabalhar

Pensando na educação, comida, roupa

Sonhando futuro pros pequenos

Sem tempo para acompanhá-los

Mais de perto como gostaria.

A CULPA NÃO É SUA

Quando o desejo aflora e o corpo pede outro corpo

De forma livre, sem compromisso prévio

Vontade de carne na carne

Suor e sinestesia.

Esquece esse papo de ser volúvel,

Disponível,

De não ser mulher direita.

Mulher direita?

Mulher de esquerda, (assim prefira!)

A CULPA NÃO FOI SUA

Quando ele gritou mandando você calar a boca
Te humilhou na frente dos amigos e familiares
Quando te beliscou por debaixo da mesa
Te estapeou na frente dos filhos
E pediu desculpas falando que não iria fazer mais.
Também não foi sua culpa
Quando ele começou a beber pra esquecer os problemas
E te traiu com outras mulheres.

A CULPA NÃO FOI SUA

Quando te colocaram na lista das top10 do youtube
Expondo sua vida sexual de forma vexatória
Afinal mulheres só devem transar depois do casamento
E com um único homem?
No cerne uma tática primitiva
De difamação e dewstruição moral feminina
Por ódio, medo ou vingança.
Mulher,
Abandona esse fardo
Caminha sem esse peso.
A culpa não é sua.

A CULPA NUNCA FOI SUA.

Não somos rés
Não queremos juízes
Não somos objeto ou propriedade
Não precisamos nos justificar ou esconder
Por ser quem somos, agir como agimos
Por viver nossa existência, nossos desejos
Nossa potência.
Somos mulheres.
Somos o que quisermos ser.

**MULHER, CAMINHA COM OUTRAS COMO TU
ELAS SÃO O TEU SOL.**

